



Um Nietzsche Pós-Moderno? A humildade intelectual do perspectivismo nietzschiano

Felipe Cordeiro Alves¹

Resumo: Este trabalho pretende apresentar a especificidade do perspectivismo nietzschiano como orientado por atitudes epistêmicas modestas em contraste com os projetos pós-modernos e da pós-verdade aos quais o autor é equivocadamente associado. A modéstia epistêmica nietzschiana não se faz compatível com a pós-verdade à medida que a segunda se obstina na defesa do valor de verdade de qualquer opinião. Essa mesma moderação não se compatibiliza com a defesa obstinada dos fatos que desconsidera sua relação com os valores. O saldo da apreciação da postura epistêmica nietzschiana habilita a proposição de que o ingresso no período propriamente contemporâneo, para Nietzsche, exige a ponderação e reservas cuidadosas sobre as nossas capacidades de conhecer em vista da demonstração do ilusório acesso a verdades absolutas e necessidade da probidade intelectual para o uso do produtor do saber. A reflexão empreendida aponta que, contrariamente às versões caricatas de Nietzsche como um polemista pretencioso que empreende a destruição do edifício da filosofia e da cultura, o filósofo parte de uma postura cautelosa e perfeccionista que se desdobra em uma atitude refinada que recua em certezas basilares legadas para a cultura ocidental.

Palavras-chave: pós-modernidade, Nietzsche, perspectivismo.

INTRODUÇÃO

Desde seus passos inaugurais, o pensamento pós-moderno levantou polêmicas e contestações, sendo a mais recente a minoritária acusação de que Nietzsche, incluído nessa corrente intelectual, contribuiu para a atual crise de desinformação. Aparentemente vigora a tentação de, por recurso analógico, aproximar a escandalização das audiências promovida por Nietzsche e o expressivo impacto da pós-modernidade por meio de um efeito deletério sobre a cultura.

Esse quadro é suficiente para sugerir que a acusação decorre de detratores do filósofo alemão e dessa corrente intelectual, porém esse trabalho intenta converter essa apreensão errônea e difamatória em uma introdução a elementos do pensamento nietzschiano a partir da imprecisa associação de Nietzsche com a pós-modernidade. Como saldo, espera-se diluir

¹ Mestre em Psicologia, Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (GRUPO NIETZSCHE), felipepsi@live.com

parte da imagem do supracitado como um investigador arrogante e presunçoso evidenciando as prudências tomadas pelo mesmo no esforço de produção da sua obra.

1 UM NIETZSCHE PÓS-MODERNO?

A recepção de Nietzsche apresenta um contraste quando considerada a literatura especializada, reunida nos Estudos Nietzsche [*Nietzsche Studien*] e a imagem popular atribuída ao filósofo, difundida na cultura redes sociais e em uma espécie de clichê intelectual. A segunda parcela desse contraste não deixa de apresentar representante acadêmico e contrai na sua versão mais extrema a caracterização do pensador como um polemista impreciso, destrutivista e negador da verdade factual (KAKUTANI, 2019). Essa construção permitiu situar, não sem um grande forçamento, o autor do *Anticristo* como um predecessor da pós-verdade à medida que seu sistema filosófico teria inaugurado na tradição filosófica ocidental de descrédito da verdade, moralidade e das instituições do saber.

O apontamento de Nietzsche como o avô dos pós-modernos contém a acusação de que o pensador, por uma vinculação remota, contribuiu para a situação de caos informativo que caracteriza a pós-verdade e recentemente as crises de informação e infodemia (KAKUTANI, 2019; BLACKBURN, 2005). Tal acusação promete expressivas repercussões negativas no público geral e atualmente reforça as resistências ao autor. Seu principal efeito é a alimentação da desinformação de que o projeto do filósofo alemão é um ruidoso legado para as bases da cultura, ética, estética e moral, que deliberadamente ou não atenta contra essas instituições.

Caberia nessa acusação discernir, o que não é aprofundado nessa literatura minoritária, se seu apontamento se as tendências antiverdade de Nietzsche são um aspecto deliberado do filósofo ou uma consequência não antevista do estilo de pensamento que inaugurou. Essa distinção é crucial para especificar a acusação dirigida ao pensador e situar o seu estatuto, sendo que a ideia de o filósofo alemão ter deliberadamente gestado o relativismo da verdade que no século posterior fez sentir seus efeitos apresenta grande ônus probatório e demonstrativo, dada a conexão longínqua entre os dois eventos. Em face dessa condição, este trabalho abordará a hipótese de que Nietzsche é um predecessor involuntário do pensamento pós-moderno, sendo esse movimento intelectual um saldo remoto para o qual a obra do filósofo é um reforçador remoto.

Com isso, temos situada a síntese da crítica a Nietzsche como predecessor da corrente de pensamento pós-moderna e apontado como uma espécie de avô dos desinformadores, uma vez que a desinformação deriva nesta crítica, do experimento reflexivo pós-modernista. Temos assim duas críticas que compõem a acusação de Nietzsche como pós-moderno, a apreensão da continuidade entre o filósofo e autores reunidos sob o rótulo de pós-modernos e a ligação entre os últimos e a atual crise informativa.

Com a comoção em torno das consequências deletérias da desinformação, a acusação de Nietzsche como pós-moderno recebe uma atualização. O pensador é incluído na ligação proposta entre os pensadores críticos das narrativas oficiais e discurso da ciência com frentes

do discurso desinformador. Essa associação é motivada principalmente pela identificação da apropriação oportunista de disseminadores de movimentos como o design inteligente e terraplanismo de produções críticas sobre a discursividade e práticas científicas.

Assim Nietzsche, por ser reputado como o avô dos pós-modernos, termina por ser objeto da crítica dirigida ao grupo com o qual se supõe uma ligação. Os tópicos posteriores se dedicarão a desfazer as duas ligações, sendo 1) *a ideia de que os pós-modernos são de algum modo culpados pelo surgimento da desinformação* e 2) *a inclusão do pensador na esteira do pensamento pós-moderno como um exemplar avant la lettre*.

Neste passo, esboça-se o movimento da investigação aqui empreendida que pretende situar a preliminarmente a não procedência das duas associações anteriormente citadas. Para as duas associações, serão desenvolvidas nos tópicos subsequentes as seguintes negativas: 1) *os pensadores pós-modernos não são culpados pela desinformação* e 2) *Nietzsche não faz parte do grupo dos pensadores pós-modernos*.

2 OS PÓS-MODERNOS COMO CULPADOS

Como indicado anteriormente, a linha mestra do artigo será dividida em duas questões, a primeira, a ser desenvolvida será o apontamento de que o estilo de pensamento pós-moderno está de alguma forma associado à poluição dos ambientes informativos promovida pela desinformação, sobretudo nos casos das *fake news* e teorias conspiratórias. A dedução contida nessa ideia consiste em retomar nos contextos mais remotos possíveis nos quais são identificados casos similares de escândalo provocado pela contestação intelectual (BARCLAY, 2022).

Os fatores de reconhecimento desse processo aparentam ser 1) a contestação das autoridades intelectuais, 2) políticas e 3) a produção de narrativas contra hegemônicas. Tais fatores são suficientes para entrever o aspecto anacrônico desse raciocínio, pois estabelece um comparativo entre contextos bastante diferentes baseado em fatores pretensamente atemporais. Para ilustrá-lo, tomemos o exemplo dos proferimentos que embasaram o livro *A condição pós-moderna* [*La condition postmoderne*], de Jean-Françoise Lyotard. Esse livro é entendido como uma das produções inaugurais que pregam a dissolução das premissas tradicionais basilares da cultura ocidental, porém a produção do autor francês deriva de apontamentos das questões socioeconômicas enfrentadas por países desenvolvidos e a proposta de novas ferramentas para seu enfrentamento.

Ainda assim, os adeptos dessa acusação encontram um eloquente caso em favor de seu apontamento ao encontrarem nas fileiras inaugurais do movimento criacionista a leitura de autores pós-modernos (PENNOCK, 2010), porém essa mesma acusação pode ser convertida em um aspecto constrangedor para os adeptos dessa pseudociência, visto que a adesão aos ideais pós-modernos serve apenas como um elemento conveniente dos critérios que apontam os problemas do criacionismo.

Esse exemplo é suficiente para sugerir a apreensão de que a associação de grupos negacionistas ou conspiratórios ao pensamento pós-moderno é oportunista e não decorre de uma real influência intelectual dos últimos sobre os primeiros. Nota-se, no mesmo sentido, a adesão desses grupos a comentários críticos sobre as práticas científicas a partir de disciplinas como história, filosofia e sociologia, contudo as aspirações explicativas que fundamentam essa postura decorrem de programas metodológicos associados a essas disciplinas, tal como é o caso do programa forte em sociologia (ALEXANDER & SMITH, 2018) e da antropologia da ciência, diferindo das apropriações dos pseudocientíficos que mobilizam fragmentos dos discursos desses campos do conhecimento para comporem discursos negacionistas.

Assim, temos que a associação do pensamento pós-moderno à desinformação decorre do ruído provocado pela adesão presumida dos adeptos de conspirações a *fake news* a ideias provenientes dessa corrente de pensamento. Desse modo, a primeira parte necessária da crítica de que Nietzsche é um pós-moderno que é solidário à desinformação é desfeita, ainda que, do ponto de vista filosófico possamos extrair implicações interessantes ao examinarmos a ideia de Nietzsche como um pensador ligado a essa corrente de pensamento, dessa vez, sem uma carga pejorativa e associado a movimentos contemporâneos deletérios.

A acusação de um grupo de pensadores ligados a um movimento de crítica das narrativas oficiais e estabelecidas apresenta o caráter panfletária, sendo minoritária em grupos especializados e uma nulidade no interior dos *Nietzsche-Studien*. Esse aspecto qualitativo da questão levantada dispensa maiores expedientes para a sua análise, porém essa mesma questão pode ser qualificada para reflexões filosoficamente interessantes que comporão, uma vez articuladas com a posição de Nietzsche diante da corrente pós-moderna de pensamento, o contraste da postura epistêmica dos desinformadores com a humildade intelectual apregoada pelo pensador alemão.

3 NIETZSCHE E A PÓS-MODERNIDADE

A associação de Nietzsche à pós-verdade está principalmente ligada ao efeito disruptivo que a obra do autor teve sobre a filosofia a partir do final do século XIX e as previsões de transformação da modernidade. Esses aspectos, contudo, são superficiais e não expressam os fundamentos dessas diferentes correntes de pensamento. Podemos apontar uma congruência entre Nietzsche e a pós-modernidade à medida que ambos promovem a crítica dos ideais modernos e apontam horizontes para sua superação, porém as premissas a partir das quais essas diferentes críticas são edificadas são distintas e não estão alinhadas em algum enquadre possível de oposição filosófica.

A pós-modernidade decorre de uma análise de contexto com elementos genealógicos sobre o presente, recurso que foi inaugurado por Nietzsche, sendo possível conceder que, por meio desse índice mínimo, tal movimento intelectual pode ser considerado nietzschiano. Concedido esse aspecto minoritário, nota-se que as premissas do movimento são a análise

concreta das condições materiais e organizacionais da sociedade a partir do prisma de disciplinas como a teoria dos jogos.

Já Nietzsche promove a desconstrução por outros meios, partindo da premissa da fidelidade a categorias naturalmente dispostas ao alcance do homem e no interior da sua constituição, e para o qual o fundamento é a vontade de poder [*Wille zur Macht*] (NETO, 2021). Partindo dessas premissas, o filósofo se opõe a construções canônicas da filosofia e cultura ocidental, reconstruindo domínios elementares como a ética e história, mas por vias diferentes e não comparáveis com a corrente pós-moderna que o seguiu. Com essas considerações é possível situar uma congruência mínima entre o pensador alemão e a corrente pós-moderna, distanciamento reforçado pelo fato de que os dois pensamentos foram construídos em contextos intelectuais, culturais e em conjunturas históricas distintas.

Assim, considerados os índices mínimos aqui abordados, entre os quais se destaca o horizonte de superação dos ideais da modernidade e que podem ser somados ao posicionamento didático do pensador em história da filosofia como pós-kantiano, Nietzsche pode ser entendido como um pensador pós-moderno. Essa classificação, porém é didatista e limitada, pois os sistemas filosóficos construídos pelo pensador alemão e a linha de pensamento desenvolvida pela corrente pós-moderna, ainda que estejam relacionadas como inspiração e marco teórico, não são congruentes entre si.

Podemos atribuir essa miragem de continuidade entre o inaugural e seus sucedâneos presente nas narrativas da história do pensamento à questão das origens, que estabelece ligações que convêm ao exercício racional, tornando mais econômica a apreciação e entendimento do desenvolvimento das linhas filosóficas do pensamento que, contrariando as expectativas da faculdade racional, apresentam descontinuidades e pontos de incomensurabilidade que complexificam a apreensão dessas produções intelectuais.

4 HUMILDADE INTELECTUAL NO PERSPECTIVISMO NIETZSCHIANO

Seria extenso numerar os modos pelos quais o pensamento de Nietzsche pode ser diferenciado da corrente pós-moderna. Este trabalho se concentrará em um desses elementos de diferenciação possíveis, a ênfase sobre a postura de humildade intelectual. O teor ácido de uma representativa parte dos escritos nietzschiano transmite a impressão primária de que autor é animado por uma espécie de ilação do seu intelecto e das ideias sobre suas capacidades diante de outros pensadores (LARROSA, 2023).

Quando tomada mais proximamente, o que vamos chamar aqui de ousadia intelectual de Nietzsche convive com uma tendência à probidade e especificamente à prudência intelectual (HEIT, 2018). A crítica do filósofo que dirige golpes de martelo às pedras angulares da cultura ocidental critica de modo geral a certeza e obstinado dogmatismo que reveste essas ideias, tendência que compromete a expressão das potencialidades da vida, conduzida pela vontade de poder.

Parte do escândalo que a leitura de Nietzsche pode fazer ressoar, decorre da objeção do autor a saberes considerados fundamentais e inquestionáveis, o que permite levantar a possibilidade que o estilo aparentemente explosivo do pensador já antevê a escandalização da consciência dogmática e o efeito de resistência aos seus escritos. Em face disso, a impressão de determinada arrogância que caracteriza a personalidade do filósofo pode ser deslocada para a ideia de recursos retóricos mobilizados deliberadamente e antecipando a sua recepção.

Considerada a prudência intelectual como virtude desposada pelo pensamento de Nietzsche, podemos estabelecer um contraste entre o sistema do pensador alemão e os movimentos contemporâneos da pós-modernidade e da desinformação, uma vez que as ondas pós-modernas e de desinformação apresentam confiança em suas proposições, apresentando-se por vezes no caso das ondas de desinformação como certeza paranoica. Recorrendo a um instrumental conceitual nietzschiano, pode-se dizer que ambos os movimentos posteriores não consideram a distinção entre a verdade e a vontade de verdade, bem como como o impulso pelo veraz anima as suas investigações intelectuais.

Assim, a questão da probidade intelectual de Nietzsche expressa na sua prudência está contida no conceito de vontade de verdade, noção que distingue os efeitos pretendidos pelos seres humanos quando creem atingir o veraz e a independência da veracidade em relação a esses impulsos. Cabe, para situá-lo, uma breve visita sobre o estatuto da vontade de verdade em Nietzsche e as diferentes apreensões vertidas por comentadores dedicados ao tema.

5 A VONTADE DE VERDADE EM NIETZSCHE

A definição da noção de vontade de verdade [*Wille zur Wahrheit*], seu estatuto e sentido não são consensuais entre os comentadores de Nietzsche. Esse estado da questão em parte se justifica pelo fato de as reflexões transmitidas pelo filósofo imporem aporias aos leitores à medida que articulam posições contraintuitivas no domínio epistêmico e ético por meio de um estilo de escrita não-convencional. Acrescenta-se a isso ausência do termo em dicionários e indexações, indicando a secundarização do termo na literatura sobre a obra nietzschiana².

A vontade de verdade apresenta três acepções em Nietzsche, de *ilusão*, *fármaco* e *virtude*, sendo a primeira predominante na literatura e justifica a ausência verificada em listas conceituais de referência. Nessa compreensão parcial, o desejo pelo veraz responde por uma ilusão, participante dos ideais ascéticos, pois pressupõe a ideia de mundo real fixo, organizado, regido por leis e instâncias absolutas, metafisicamente fundamentadas. Para o filósofo alemão essa imagem do mundo é falsa e exige a suposição de um além-mundo para

2 O termo *Wille zur Wahrheit* não está incluso no Nietzsche-Lexikon (Müller, 2020), *The Nietzsche Dictionary* (BURNHAM, 2015) ou em dicionários mais gerais, como o *German Dictionary of Philosophical Terms* (WAIBL & HERDINA, 1997) e *Wörterbuch der philosophischen Begriffe* (REGENBOGEN & MAYER, 2013). Uma síntese da apresentação genealógica dessa noção foi encontrada no Dicionário Nietzsche (MARTON, 2016) que ressalta: “apesar de caracterizar a *vontade de verdade* de maneira negativa, Nietzsche confere a essa noção um papel fundamental na história da mentalidade religiosa da civilização ocidental” (p.427).

sustentá-lo, de tal modo que o termo não apresentaria relevância e teria, reduzindo-o a essa acepção, o estatuto de engodo derivado dessas conjecturas falsas.

A leitura heideggeriana de Bacsó (1999) se enquadra nessa primeira acepção ao definir a vontade de verdade como hermenêutica, expressão do declínio da verdade, que promove a estabilização do mundo em categorias “familiares que se afastam progressivamente do verdadeiro” (p.161). Igualmente atribuível a esse entendimento é a concepção de Oliveira (2018) que toma o impulso à verdade como falsificador da realidade, avaliando que “com a crença no caráter essencial das coisas” os sujeitos “acabam se distanciando do confuso que é a própria condição da própria vida” (p.54).

Note-se que mesmo no interior da primeira acepção apresentada, está contida uma contradição entre a aspiração pela verdade e falsas suposições metafísicas sobre a tessitura da realidade que, nesse caso, a orientam. O sentido contraditório contraído pela vontade de verdade apresenta nesse caso um equilíbrio instável apoiado na condição de que Nietzsche não radicaliza sua crítica ao ponto de negar a verdade por si mesma, pois precisa aderir a aspirações de veracidade para vertê-la.

A segunda acepção da vontade de verdade é solidária à primeira e toma esse impulso [*Trieb*] como fármaco, uma solução diante do horror ao nada [*horror vacui*], mas que paradoxalmente implica na nadificação. Ribeiro e Júnior (2011) abordam a vontade de verdade enquanto vontade de crer, sendo essa uma tendência epistêmica dos grupos humanos que estabiliza, por meio de categorias metafísicas estáveis, a errância e evanescência das instâncias que constituem o mundo. Nessa apreensão, os autores desposam o primeiro sentido atribuído ao termo e conjugam-no com o segundo significado mencionado ao associá-lo ao “adoecimento da vontade”, na medida em que a necessidade de crer corrige uma falta de força “para enfrentar o mundo como um lugar de disputas, de conflitos, de oposição de forças, de devir” (p.286). A mesma concepção pode ser atribuída a Mitcheson (2013) que toma a vontade de verdade como uma interpretação da verdade que “foi moldada pela perspectiva de impulsos ascéticos e formas de vida fracas ou perspectivas que exigiam o ideal ascético para sobreviver (p.61).

Por fim, temos a compreensão do termo como virtude. A apresentação dessa vertente vontade de verdade na obra de Nietzsche é discreta e contraria os dois sentidos apresentados. Os comentadores ao trabalharem essa terceira acepção são imediatamente confrontados com a aporia da integração das três dimensões guardadas pela noção. O impasse reside na convivência, no interior da mesma ideia, dos significados de ilusão, fármaco próprio de modos de vida fracos e de virtude epistêmica.

Um primeiro passo na solução desse quebra-cabeça responde pelo estabelecimento da especificidade da crítica de Nietzsche, minorando as contradições contidas no argumento extraído. Williamson (2015) adota especificar a crítica nietzschiana, propondo que o objeto dessa crítica é dirigido à incondicionalidade da vontade de verdade, sendo apenas esse superlativo “internamente inconsistente” (p.37).

Jenkins (2012) apreende a questão da vontade de verdade na sua amplitude ao demonstrar que a problemática em torno dessa noção decorre da ausência de sua justificação como valor. A moralização, inconsistência, e especialmente a nulificação dessa vontade são consequências tardias da história de sua vigência na qual o apetite pela verdade se desorienta à medida que é interrogado. O suposto amor implicado na vocação incondicional para a verdade encobre o seu emprego fundamental, satisfazer “a nossa necessidade suprema de alívio do nosso *horror vacui*” (p.283) e, uma vez que esse encobrimento é desvelado, desestabiliza o contexto de fé adequado para seu emprego como anestésico das afetações decorrentes do horror ao nada.

O mesmo Jenkins (2012) explora como as contradições implicadas na ideia de vontade de verdade produziram a sua própria desestabilização no contexto moderno. Para esse autor, “objetivo final de Nietzsche ao descobrir a natureza moral da nossa vontade de verdade não é apenas classificar esse impulso como desempenhando um papel específico em nossas vidas, mas sim para revelar a instabilidade do nosso projeto” (p.282). As contradições contidas na noção de vontade de verdade são estabelecidas entre as suas duas correntes, uma associada à busca pela melhor evidência possível, ou seja, pela crença maximamente justificada e a outra correspondente à vontade de crença. Assim, o apetite pela verdade é capaz de produzir falsificações em nome da anestesia do *horror vacui* e de destruir essas mesmas construções, bem como de desvalorizar sua própria valoração.

Combatendo o mesmo problema, Harris (2020) acrescenta a adesão de Nietzsche à honestidade [*Redlichkeit*] como virtude participante do impulso à verdade, aspecto que não comparece quando essa tendência está orientada pelos ideais ascéticos. Em seu comentário o autor sustenta que não é possível perseguir a verdade e manter-se honesto sobre os motivadores das próprias ações, convicções e crenças que norteiam a própria vida. Assim, na leitura de Harris (2020), Nietzsche contrapõe autoconhecimento à perseguição da verdade, sendo que a vontade de verdade, nas diferentes acepções, pode participar dos dois preceitos.

Essa exposição pretende acrescentar que a concepção de verdade de Nietzsche apresenta nuances de mérito psicológico que contemplam a ideia da desconfiança do autor sobre as ideias canônicas ao ter em consideração a relação do homem com a representação da verdade. Para o autor, vontade de verdade coincide com a vontade de crer, dimensão que apresenta vocações para o equívoco e que foi identificada pelo autor na sua análise de diferentes ideias canônicas em filosofia.

A humildade intelectual de Nietzsche consiste no entendimento de que o ser humano busca, na sua atividade epistêmica, a representação da vontade movido pela vontade de crer, sendo que esse impulso capaz de produzir precipitações, a pretensa obtenção de grandes verdades, movida pelo efeito ilusório e entorpecedor que a representação da verdade oferece. O pensador entende que a valorização da verdade por meio de sua representação não implica em facilitadores para a obtenção de veracidade e que, contrariamente, produz extravios e torna os indivíduos insinceros sobre os motivadores que determinam sua relação com a

verdade. Nesse sentido, Nietzsche também é entendido como um dos mestres da suspeita, ao lado de Marx e Freud, sendo que, especificamente, reconhece o caráter limitado das capacidades humanas para o conhecimento.

Essa postura dista profundamente do arrojo da postura exercida pela corrente de pensamento pós-moderna, ávida em produzir concepções disruptivas por outras vias e animados por um reformismo audacioso das grandes disciplinas. O contraste se faz mais radical quando o comparativo é estabelecido entre as manifestações da desinformação e a posição do pensador alemão, pois nos fenômenos dos distúrbios de desinformação ocorre uma valorização das opiniões ao ponto de equipará-las aos conhecimentos qualificados.

CONCLUSÃO

Este trabalho pretendeu apresentar preliminarmente a dimensão da humildade intelectual de Nietzsche e a probidade intelectual do autor no seu tratamento da verdade, elemento presente nos escritos do autor e que, caso desconsiderado pode produzir ruídos na recepção de sua obra. Foi abordado um caso minoritário da supracitada tendência, visando diluir a associação inadvertida da obra nietzschiana com correntes que desconhecem o teor de seu pensamento e o uso instrumental por parte de grupos oportunistas de suas proposições. O fato de todas essas situações indesejadas aqui projetadas não serem inéditas reforça a necessidade de pensarmos continuamente na história e contexto vigente da recepção de Nietzsche.

O contraste estabelecido entre o pensamento de Nietzsche, pós-modernidade e a desinformação consiste na humildade intelectual almejada pelo primeiro, aspecto pouco difundido entre o público geral. A condição ignota desse aspecto da proposta nietzschiana concorre para explicar como correntes inspiradas em frentes desenvolvidas por esse pensador veicularam sua imagem como um desconstrutivista pretencioso, audaz e descuidado que alimentou o imaginário de correntes minoritárias que, neste contexto, culpam-no por consequências não relacionadas com sua atuação.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, Jeffrey C.; SMITH, Philip. The strong program in cultural sociology: Meaning first. In: *Routledge handbook of cultural sociology*. Routledge, p. 13-22, 2018.
- BACSÓ, Béla. The will to truth. In: *Nietzsche, epistemology, and philosophy of science: Nietzsche and the sciences II*. Dordrecht: Springer Netherlands, p. 161-167, 1999.
- BARCLAY, Donald A. *Disinformation: The Nature of Facts and Lies in the Post-truth Era*. Rowman & Littlefield, 2022.
- BLACKBURN, Simon. *Truth: A guide for the perplexed*. Penguin, 2005.
- HARRIS, Daniel I. Nietzsche on Honesty and the Will to Truth. *Journal of the British Society for Phenomenology*, v. 51, n. 3, p. 247-258, 2020.
- HEIT, Helmut. "there are no facts...": Nietzsche as Predecessor of Post-Truth?. *Studia Philosophica Estonica*, p. 44-63, 2018.

JENKINS, Scott. Nietzsche's Questions Concerning the Will to Truth. *Journal of the History of Philosophy*, v. 50, n. 2, p. 265-289, 2012.

KAKUTANI, Michiko. *The death of truth: Notes on falsehood in the age of Trump*. Crown, 2019.

LARROSA, Jorge. *Nietzsche & a educação*. Autêntica Editora, 2023.

MITCHESON, Katrina. *Nietzsche, truth and transformation*. Springer, 2015.

NETO, Francisco de Assis Silva. Platão e Nietzsche, Um conflito entre acrasia e vontade de poder. *Cadernos Cajuína*, v. 6, n. 1, p. 48-59, 2021.

OLIVEIRA, Mônica Souza de. A crítica nietzschiana à vontade de verdade. *Argumento*, n. 14, p. 47-56, 2018.

PENNOCK, Robert T. The postmodern sin of intelligent design creationism. *Science & Education*, v. 19, p. 757-778, 2010.

RIBEIRO, Flávio Augusto Senra; JÚNIOR, Roberto Lúcio Diniz. A vontade de verdade como vontade de crer: abordagem a partir de uma perspectiva nietzschiana. *Estudos Teológicos*, v. 51, n. 2, p. 275-287, 2012.

WILLIAMSON, Emily Amelia. *Nietzsche and value of truth*. 2016. Tese de Doutorado. Birkbeck, University of London

Artigo recebido em 30.09.2024 e aprovado em 31.10.2024

Felipe Cordeiro Alves possui graduação em Psicologia pela UFMG (2018). Mestre em Psicologia pela UFMG na área de concentração de estudos psicanalíticos (2021). Envolvido em investigações sobre desinformação e filosofia nietzschiana. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1880-3461>. E-mail: felipepsi@live.com.

Endereço: Rua Madre Izabel Tejero, 280, bairro Mariana de Abreu. 31050-320.

Editor: Dr. Geraldo Luiz De Mori

Avaliadores: Prof. Me. Gustavo Luiz Cardoso Mendes / Prof. Me. Leonardo Pablo de Origuela Santos